

O MUNDO ARTISTICO



CROIZETTE.

JORNAL
ILLUSTRADO
DE
MUSICA
THEATROS

Bellas-Artes.

EMPRESA
MONTEIRO DE CARVALHO & C^a
Redacção e admnistração
Rua da Praça da Figueira 40-1º

O Mundo Artístico

SOB A PROTECÇÃO

de Sua Magestade El-Rei DON FERNANDO

AGENCIA THEATRAL

A CARGO DE ALFREDO GAZUL

1.º ANNO

JULHO — 1883

6.º NUMERO



DIRECTOR ARTISTICO MUSICAL

MAESTRO MIGUEL ANGELO

DIRECTOR

Monteiro de Carvalho

ADMINISTRADOR

Carlos Lopes

Aos nossos estimaveis assignantes de Lisboa e Porto, que até esta data satisfaziam as suas assignaturas no acto da entrega, pedimos a especial fineza de acceitarem o recibo d'um trimestre (6 numeros), que acompanhará o 7.º numero e que corresponde ao 1.º da 2.ª serie.

Tomámos esta resolução porque a maior parte dos assignantes tem adoptado o pagamento adeantado d'um trimestre e para que a nossa escripturação possa ser regular e menos fastidiosa é mister que os residentes se dignem acceitar estas condições pelo que desde já se confessa muito reconhecida

A EMPREZA.

CROIZETTE

E' uma das mais formosas atrizes parisienses. A sua ultima creação foi a Lionnette da *Princeza de Bagdad*. Croizette pretendia a todo o transe abandonar a primeira scena do mundo e recolher-se aos bastidores da vida particular, mas desejava ao mesmo tempo que as suas despedidas se fizessem em peça puramente nova. Portanto forçoso era que o trabalho estivesse concluido, porque a impaciencia da artista não admittia delongas. Consultadas todas as notabilidades da litteratura franceza, apenas Dumas estava no caso de satisfazer as exigencias de Croizette, retocando a sua *Princeza de Bagdad*, obra

já ha muito esboçada, mas posta de banda. Para uma actriz que promettia trocar as glorias da scena pelo socego do lar conjugal, não nos parece que o papel de Lionnette fosse dos que mais conviesse em uma tal situação, entretanto o successo foi extraordinario, e embora Croizette não esteja ainda oficialmente retirada da *Comedie Française*, ha quasi

um anno que não representa.

Sophia Croizette é russa, por isso que nasceu em S. Petersburgo, onde sua mãe Luiza Carbowa Croizette, primeira dançarina do *Theatro Nacional*, deixou excellentes recordações. Logo aos seis annos foi levada para França onde recebeu toda a sua educação.

Entrou para o Conservatorio em 1867 na classe de Bressant, e obteve o primeiro *accessit* em 1868, e o primeiro premio em 1869. No mesmo anno, em outubro foi contratada para a *Comedie Française*, fazendo o seu primeiro debute em 7 de janeiro de 1870 no papel da rainha Anna do *Verre d'eau* e o segundo na Celiméne do *Misanthrope*.

A sua entrada na casa de Molière foi um verdadeiro triumpho, o que lhe promoveu desde logo alguns dissabores, occasionados pela inveja d'aquelles que teimavam em não reconhecer na joven actriz as aptidões excepcionaes que mais tarde deveriam tornal-a uma artista celebrada.

A sua mocidade arrebatadora, as suas maneiras distinctissimas, a sua excellente declamação, tornaram-lhe favoravel desde logo a opinião da imprensa que já antevia na debutante os elementos necessarios para proceder á creação de papeis de mais subida responsabilidade.

O proprio Octave Fueille, preparando uma *reprise* da sua *Dalila*, respondeu ao critico Sarcey, que então blasphemava da má distribuição que Perrin dera a essa comedia, da seguinte forma:

... «Mademoiselle Croizette foi por mim escolhida para o papel de Martha, e não creio que haja encarnação mais perfeita, entre o personagem do meu drama e a artista preferida.»

Representou em seguida a Marianna do *Caprices* e a Madame de Prie da *Mademoiselle de Belle-Isle*, como se o seu genero fosse as *grandes-coquetes*, ainda aqui, porém, não triumphou o desejo dos seus inimigos,

porque a inexperiencia desaparecia sob o encanto da sua belleza fascinante.

Deram-lhe depois papeis de ingenua. Obrigaram-na a representar o *Mariage sous Louis XV*, onde as suas maneiras em extremo affaveis, e a sua dicção repleta de suavidade, seduziam até os espiritos mais teimosos em desconsiderar a joven artista.

Suzanna do *Mariage de Figaro*, e Amanda das *Femmes Sarantes*, papeis de muito maior importancia, augmentaram a Croizette essa estima que o publico francez já lhe dedicava.

A sua primeira creação teve lugar na *Ninny*, e para a segunda apresentou-se sob os trajos de Hildegarda na *Part du diable*. Madame Solis do *Acrobate*, em abril de 1883, foi uma esplendida creação que ao lado da Adriana do *Été de la Saint-Martin*, lhe ganharam uma nomeada assaz lisongeira.

Na Antoinette do *Genre de Mr. Poirier* que pela primeira vez representou em setembro de 1883, foi arrebatadora como mulher, notavel como artista, não obstante não dispor ainda do vasto tirocinio das suas collegas Favart, Brohan, Agar, etc.

Em outubro do mesmo anno prestou á *reprise* do *Marquis de la Seiglière* toda a elegancia, distincção e graça do seu talento. Encanto na voz, delicadeza no sorriso, verdade na paixão, tudo isso lhe valeu um successo indescriptivel. As suas *toilettes* n'esta comedia assombraram Paris inteira, e d'então para cá Croizette conta os seus triumphos pelas noites em que representa.

Entre um grande numero de peças, cujos nomes nos não recordam, e a que a artista tem prestado o seu concurso citaremos as seguintes:

MOLIÈRE

Le Misanthrope, Les femmes savantes, D. Garcie de Navarre, Le Dépit amoureux, Le Malade imaginaire, Psyche, L'école des maris, L'Etourdi.

BEAUMARCHAIS

Le Mariage de Figaro, Le Barbier de Seville.

MARIVAUX

Les Jeux de l'amour et de l'Hasard.

ALFRET MUSSET

Le Caprice, Les Caprices de Marianne. Reprises no repertorio moderno: Le verre d'eau, Dalila, Mademoiselle de la Seiglière, Valerie, Oscar, Un Mariage

Formoso Tejo.

VALSA.

M^{me} Josefine Amann, Op. 23.

Introduccção.

Piano.

VALSA.

1.

2. *p*

3. *f* *p*

First system of musical notation on page 5, featuring a grand staff with treble and bass clefs, a key signature of one sharp, and a 3/4 time signature. The music includes a double bar line and repeat signs.

Second system of musical notation on page 5, featuring a grand staff with treble and bass clefs, a key signature of one sharp, and a 3/4 time signature. The music includes various musical notations such as accents and slurs.

Third system of musical notation on page 5, featuring a grand staff with treble and bass clefs, a key signature of one sharp, and a 3/4 time signature. The music includes various musical notations such as accents and slurs.

4.

Fourth system of musical notation on page 5, featuring a grand staff with treble and bass clefs, a key signature of one sharp, and a 3/4 time signature. The music includes dynamic markings 'f' and 'p', and various musical notations such as accents and slurs.

Fifth system of musical notation on page 5, featuring a grand staff with treble and bass clefs, a key signature of one sharp, and a 3/4 time signature. The music includes various musical notations such as accents and slurs.

Sixth system of musical notation on page 5, featuring a grand staff with treble and bass clefs, a key signature of one sharp, and a 3/4 time signature. The music includes first and second endings marked '1.' and '2.'

First system of a musical score, consisting of a treble and bass staff. The treble staff features a melodic line with slurs and accents, while the bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and single notes.

Second system of the musical score, continuing the melodic and harmonic development. It includes first and second endings marked '1.' and '2.' at the end of the system.

Third system of the musical score, marked with a large '5.' at the beginning. It features dynamic markings of *f* and *ff* and includes a repeat sign.

Fourth system of the musical score, featuring dynamic markings of *pp* and *ff*, and the tempo marking *ten.* (ritardando).

Fifth system of the musical score, including first and second endings, a *ff* dynamic marking, and a *ritard.* (ritardando) instruction.

Sixth system of the musical score, marked with *a tempo* and concluding with a final cadence.

The first system of music on page 7 consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower in bass clef. The key signature has two flats (B-flat and E-flat). The music features a series of chords in the right hand and a more active bass line in the left hand. There are two first endings marked '1.' and '2.' at the end of the system.

CODA.

The CODA section begins with a piano (*p*) dynamic marking. The music is in 3/4 time. The right hand plays a melodic line with eighth notes, while the left hand plays a steady bass line of eighth notes. An *accelerando* instruction is placed above the right hand staff towards the end of the section.

The second system continues the piano accompaniment. It features a mix of chords and moving lines in both hands, maintaining the established harmonic and rhythmic patterns.

The third system includes a piano (*p*) dynamic marking. The texture remains consistent with the previous systems, with a focus on chordal accompaniment and melodic movement.

The fourth system features a *cresc.* (crescendo) instruction. The music shows a gradual increase in volume and intensity, with more complex chordal structures and active bass lines.

The fifth system concludes the piece. It features a final cadence with sustained chords in the right hand and a rhythmic bass line in the left hand, ending with a double bar line.

pp

First system of musical notation, featuring a treble and bass clef. The treble clef contains a melodic line starting with a piano (*pp*) dynamic. The bass clef contains a harmonic accompaniment. The system concludes with a fermata over the final notes.

Second system of musical notation, continuing the piece. It features a treble and bass clef with a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass. The system concludes with a fermata over the final notes.

Third system of musical notation, continuing the piece. It features a treble and bass clef with a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass. The system concludes with a fermata over the final notes.

pp

Fourth system of musical notation, continuing the piece. It features a treble and bass clef with a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass. The system concludes with a fermata over the final notes.

Fifth system of musical notation, continuing the piece. It features a treble and bass clef with a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass. The system concludes with a fermata over the final notes.

ff

ff

Sixth system of musical notation, continuing the piece. It features a treble and bass clef with a melodic line in the treble and a harmonic accompaniment in the bass. The system concludes with a fermata over the final notes.

À Ex^{ma} CONDESSA DE EDLA.
Souvenir de Chopin.

POLKA-MAZURKA.

M^{me} Josefina Amann, Op. 21.

Piano. *ff*



rallentando



Fine. *f*



pp



f *p*



f *D. C. dal § al Fine. §*



sous Louis XV, *Les Ennemis de la maison*, *Mademoiselle de Belle Isle*, *L'aventurière*, *Le Gendre de Mr. Poirier*, *Demi-monde* e *Marquis de Villemér*.

Creações:

Nany, *La Part du roi*, *L'acrobate*, *L'Été de Saint-Martin*, *L'eteincelle*, *L'Etrangère*, *Jean de Thommaray*, *Sphinx* e *Princesse de Bagdad*.

As penultimas creações tão diferentes pelo genero, concebidas com a originalidade de um talento superior, deviam levar immediatamente ao apogeu a influencia que Croizette já exercia em grande parte no animo parisiense.

O papel de Branca no *Jean de Thommaray* foi a revelação de uma nova phase na exuberancia da sua intelligencia. A *Sphinx*, em março de 1874 devia ainda confirmar em outra occasião o vigor do seu temperamento dramatico. No papel da condessa de Chelles, onde a sua belleza, e os seus meios ordinarios de seducção teriam bastado para excitar curiosidade, pensou em surprehender o publico por uma forma tão extraordinaria quanto horrivel, pois que até aquelle momento ainda ninguém ousara secundar o realismo até aquelle excesso.

A scena do envenenamento e a morte causaram em Paris uma sensação tão pouco vulgar, que Sophia Croizette victoriada justamente pelo publico, pelos collegas e por toda a imprensa foi desde aquelle momento considerada societaria da *Comédie Française*.

Com quanto não fosse tão franzina como Sarah Bernhardt, a sua magreza era tambem excessiva, hoje, porém, como se vê pela nossa gravura, Sophia Croizette está rasoavelmente nutrida, não deixando nem de leve suspeitar quanto debil se mostrava ha meia duzia de annos.

Aos nossos estimaveis collegas de Italia agradecemos as transcripções que tem feito d'alguns artigos do nosso jornal.

SIEMPRE JUNTOS

(Cancion)

Si existe alguna barquilla,
Que surque la mar serena
Con movimiento apacible,
Y que, rapida y ligera,
Valla cortando su proa
Las ondas altas y bellas;
Quiero yo, que en esa barca
Nuestros dos cuerpos se mescan.

Si es que existe algun recinto
De encantos y goces lleno,
D'onde el alma goce siempre
Algun delicioso ensueno,
Que haga, que el ser goce tanto
Cual si estuviera en el cielo;
Quiero yo, que en ese sitio
Los dos juntos reposemos.

Si es que existe en algun prado
Sin espinos una rosa,
Un pintado pensamiento,
Que lance fragante aroma,
O que el céfiro columpie
A alguna blanca amapola;
Quiero ver como a los dos
Esas flores nos adornan.

Si existe algun arroyuello
En aquella selva umbría,
Y que adornen sus costados
El musgo y la campanilla,
Y que sus murmullos llenen
A los pajaros de envidia,
Quiero yo, que nuestros labios
Beban su agua cristalina.

Y si existe alguna tumba
En el triste cementerio,
Donde no se escuche un llanto,
Donde reine gran silencio,
Donde nadie la contemple;
Pero que cojan dos muertos;
Quiero yo, que en esa tumba
Reposen nuestros dos cuerpos.

Madrid, Octubre del 81.

VICENTE PLAZA GALVEZ.

THEATRO DE D. MARIA II

Agora que o auctor e coordenador da musica que se executava no *Drama no fundo do mar* está de novo entre nós; agora que nem Madrid nem Paris nos roubam o auctor da *Taulpa*, opera que hade perpetuar o nome portuguez nos annaes da historia da musica contemporanea; agora, que se nos não pôde dizer que aproveitamos a ausencia do sr. A. D. da Cruz Pinto para apreciarmos o seu trabalho, sejamos francos em lhe declarar que ouvimos e não gostámos.

Bem sabemos que s. ex.^a pouco se importa com isso; o que elle estima é que digamos alguma cousa sobre o assumpto; o silencio absoluto dos jornaes, a respeito d'uma musica tão annunciada pelos cartazes e por s. ex.^a, musica que contou mais de 40 audições, começava a incomodar il *Signore* da Cruz Pinto, que pensou ter feito um trabalho que poria a critica em torturas para o apreciar condignamente.

Pois nem palavra; nenhum jornal disse bem, nenhum jornal disse mal, nenhum jornal disse nada... nada...

Parece-nos estar ouvindo o que s. ex.^a terá dito consigo mesmo. «Que silencio tão inexplicavel!... Porque me esquecem? Porque não dizem alguma cousa?... Até o *Antonio Maria* que nunca me poupa, d'esta vez quasi me olvidou? Eu não exijo que me elogiem; digam, o que quizerem, digam mal, mas digam alguma cousa.»

Vamos lisongear os desejos del' *Signore* da Cruz Pinto.

A sua musica de que tanto lhe ouvimos fallar, a sua musica que tanto trabalho lhe deu a coordenar e a originalisar, em summa a musica que é sua e a que não é sua, não merece menção; os jornaes não fallaram nem hão de fallar, porque aquella sua musica está abaixo de toda a critica. Bem comprehende que a critica não tem tempo para se entreter com cousas que estão fóra da esphera das suas attribuições.

A pessoa competente ouvimos dizer, que, a unica cousa aceitavel pela propriedade e originalidade, era o *God save the queen* que il *maestro* introduzio no final do 3.^o acto do drama. E realmente tudo o mais passa desapercebido, porque, o lhe falta o interesse da composição em que abundam as trivialidades, ou ha uma falta enorme de verdade e de côr local, a par de uma exuberancia de fórmulas pretenciosas que cahem pelo ridiculo.

Que a *Taulpa* tenha outro exito, é o que sinceramente lhe desejamos, sr. A. D. da Cruz Pinto, coordenador e originalizador da musica do *Drama no fundo do mar*.

COLYSEU DOS RECREIOS

TRAVIATA E BAILE DE MASCARAS

Depois de uma interrupção de alguns dias, devido á fallencia do emprezario Herrera, o Colyseu dos Recreios abriu de novo as suas portas no domingo 1 do corrente, com a estreia da companhia italiana escripturada pelo sr. Freitas Brito.

A opera escolhida para o debute foi a *Traviata*, que figura quasi sempre no repertorio de todos os theatros lyricos.

Como é notorio entre nós, antes que o prelude d'esta opera se fizesse ouvir, já diferentes opiniões anticipadas, e portanto ridiculas, circulavam na vasta sala do Colyseu.

Um certo numero, já muito nosso conhecido, de apreciadores e dilettanti de S. Carlos discursava no salão e no restaurante sobre o merecimento artistico de cada um dos cantores, que fazem parte da companhia.

Alguns grupos de espectadores prophetisavam um fiasco completo, e n'esta expectativa encaminhavam-se risonhos e com ares pretenciosos para os seus fauteils, que de antemão tinham comprado.

Outros entravam furibundos para a geral levando triumphantemente em sua companhia alguns trocistas que protestavam com ares ironicos aniquilar de uma vez os artistas, que, infelizmente para aquelles, viram triumphar.

Emfim, tudo o que sempre succede em Lisboa nos debutes de companhias estrangeiras.

Fizeram n'essa noite a sua estreia: Italia Giorgio, De Falco e Carbonell Villar.

De Falco é um artista consciencioso e muito correcto na afinação. A sua voz é bem timbrada e canta com muito sentimento e bastante alma. O andante *De' miei bollenti spiriti* da aria do 2.^o acto foi esplendidamente cantado. Não se pôde exigir mais d'um cantor e só lastimamos que o publico o tivesse ouvido com indifferença e não o applaudisse como merecia.

No *assolo Ogni suo aver tal feminina*, que De Falco cantou magistralmente, como poucas vezes temos ouvido no nosso theatro lyrico, tornou-se muito notavel na phrase *tutto accetar potea*, onde emittiu um esplendido *la natural*, puro, nitido e bello.

Italia Giorgio é uma cantora muito gentil. Tem a voz bonita e bastante extensa. Não obstante estar possuida do receio que se apodera sempre de todos os artistas em noite de debute, comtudo fez-se applaudir durante toda a opera, recebendo do publico as mais lisongeiros manifestações de agrado.

Italia Giorgio é ainda uma artista no principio da sua carreira, porém tem um largo futuro deante de si, pois possui uma decidida vocação artistica. Pena é que fizesse o seu debute em Lisboa na sala do Colyseu, onde as condições acusticas são pouco favoraveis aos cantores.

Carbonell é um artista muito discreto. Tem feito uma brilhante carreira e tem cantado a par de notabilidades; ainda ultimamente cantou com Donadio o *Barbeiro de Sevilla*, sendo sempre muito festejado.

No *duetto* do 2.^o acto, assim como na aria *Di Provenza il mar*, foi Carbonell entusiasmaticamente applaudido.

Bonicioli é um bom director de orchestra. Coros e os 45 *professores* de orchestra bem.

Para debute da prima-donna soprano Vincenzina Ferni e do tenor Stucci cantou-se o sublime *spartito* de Verdi, *Un ballo in maschera*.

Esperavamos anciosos pelo debute de Ferni porque tinhamos a firme certeza de que esta cantora seria muito bem recebida entre nós, e effectivamente a sympathica artista deve estar bastante lisongeadada pelo acolhimento que lhe fizeram.

No *tercetto* do 2.^o quadro do 1.^o acto começou logo a revelar o seu grande talento artistico e a sympathia que Ferni inspirou ao publico depressa se manifestou entre os numerosos espectadores, que romperam no final d'este *tercetto* em unanimes e phreneticos applausos.

Na celebre *aria* do 2.^o acto que Ferni interpretou magistralmente recebeu do publico as mais calorosas e entusiasmicas ovações,

que se prolongaram por muito tempo. E na verdade, o publico applaudindo d'aquella fórma a sr.^a Ferni, fez-lhe inteira justiça, porque aquella *aria* foi sempre o escolhido da maior parte das artistas que a teem cantado.

No *duetto* que se segue, apezar de não ter sido secundada pelo tenor que se achava visivelmente incommodado, ainda assim conseguiu agradar.

Em resumo as honras da noite couberam especialmente a Ferni, que era digna de figurar no elenco da companhia do nosso theatro lyrico, pois podemos affoutamente asseverar que temos ouvido n'estes ultimos annos cantoras de menos merecimento e que no entanto teem sido applaudidas por deferencia.

Carbonell, de quem já fallámos no desempenho da *Traviata*, confirmou o seu brilhante talento, que na vespera tinha patenteado, grangeando todas as provas de sympathia que este artista soube conquistar.

Carbonell cantou esplendidamente a bem conhecida *aria* do 3.^o acto. Foi por vezes interrompido por *bravos* espontaneos, recebendo no final os mais sinceros applausos e teve repetidas chamadas ao proscenio.

Italia Giorgio deu-nos um pagem gentilissimo, e foi muito applaudida no decurso da opera.

Resta-nos agora fallar da sr.^a Rossi, já nossa conhecida do theatro de S. Carlos. Pareceu-nos que Rossi é a mesma cantora d'outra ora. É artista *che non fa caldo ne freddo!*

Emquanto ao tenor Stucci sentimos não poder emitir a nossa opinião, porque como já dissemos, este artista estava tão visivelmente incommodado, que lhe foi inteiramente impossivel mostrar os seus recursos vocaes. Reservamos-nos para outra opera em que elle tome parte.

A direcção da opera pelo sr. Bonicioli foi muito discreta, porém notámos que na *congiura* o andamento do *meno mosso* (*Dunque l'onta di tutti sol una*) posterior ao *allegro assai sostenuto*, foi demasiadamente acceelerado.

Felicitemos agora o sr. Freitas Brito pela boa escolha que fez dos artistas que compõem a companhia, e pelo ensejo que proporciona ás classes mais ou menos abastadas de apreciarem as obras dos grandes maestros.

Cantou-se em segunda recita esta mesma opera com exito superior ao da primeira.

O tenor Stucci que na vespera se ressentira do cansaço da viagem e se achava visivelmente atacado d'uma forte affecção da larynge, fez-se ouvir n'esta noite com agrado pelo numeroso publico que enchia a sala.

A *ballata* do 1.^o acto foi cantada com bastante correccção, o que lhe valeu innumerous applausos.

O *duetto* do 3.^o acto com a sr.^a Ferni foi interpretado com muito sentimento, sendo estes dois artistas bastante festejados.

Estamos certos que o tenor Stucci com a continuação será ouvido pelo publico com o maximo agrado; esperamos portanto aprecial-o na *Força do destino*, que ainda será cantada esta semana para assim vermos confirmada esta nossa asserção.

THEATRO ESTRANGEIRO

O sr. Edmond Gerson, agente theatral de Londres, comprou os direitos de fazer representar em Nova York, o grande bailado de Manzotti e Marenco *O Excelsior*.

O Excelsior deve subir á scena no Niblo's theatre no dia 20 de agosto.

*** *Eine Nacht in Venedig* (Uma noite em Veneza) é o titulo de uma nova operetta

de Strauss, que será cantada em Berlim no proximo outomno.

*** *A Gioconda* de Ponchielli continua fazendo furor no theatro *Covent-Garden* de Londres.

*** *Re Lear* é o titulo de uma nova opera do illustre maestro Cagnoni.

*** Estão definitivamente contractados para a proxima epoca lyrica em S. Carlos os seguintes artistas:

Erminia Borghi-Mamo e Amalia Fossa—primeiros sopranos dramaticos;

Barnacioni—soprano de meio caracter;

Elvira Ercole—contralto;

Ortisi—primeiro tenor;

Devoyod e Souvestre—primeiros barytonos;

Eduardo de Reszké e Gasparini—primeiros baixos.

A empresa está em contracto com o primeiro contralto Belocca para toda a epoca e com o tenor Gayarre, para alguns mezes da estação lyrica. A opera nova será a *Gioconda*, de Almicare Ponchielli. Parece que a empresa se propõe levar á scena nos mezes de janeiro, fevereiro e março o grande baile *Excelsior*, sendo quasi todo o pessoal para elle escripturado no estrangeiro.

*** O maestro Miguel Costa acaba de soffrer um insulto apoplectico, que lhe paralisou todo o corpo.

Miguel Costa que se acha actualmente em Brighton, conta aproximadamente 75 annos de idade.

*** O celebre tenor Stagno, assignou um contracto por 5 mezes com a empresa Abbey, para o Metropolitan theatre de Nova York.

Durante este praso receberá a bagatella de 300:000 francos!

*** A camara municipal de Milão resolveu n'uma das ultimas secções dar a duas ruas d'aquella cidade os nomes de Bellini e Donizetti.

*** Dizem alguns jornaes do Porto e Lisboa que o empresario Molina está em contracto com a celebre *diva* Patti e Nicolini para uma serie de recitas em Madrid, Porto e Lisboa.

Se assim fôr desde já damos os sinceros parabens aos *dilletanti* da cidade invicta que teem assistido com resignação aos repetidos *fiascos*, que lhe teem proporcionado a companhia que se acha actualmente no theatro do Principe Real, sob a direcção do empresario Molina.

SALÃO DA TRINDADE

Assistimos no domingo 1 do corrente ao concerto promovido pela *Sociedade de concertos de musica de camara*.

Por falta de espaço tivemos que retirar á ultima hora o artigo critico sobre esta festa artistica.

No proximo numero será publicado.

ENGEITADA E MÃE

Pobre rapariga! Entrou no mundo pela roda dos engeitados. Não teve carinhos de mãe, nem mesmo a conheceu. Pequeninna, alimentaram-n'a seios mercenarios; cresceu, teve de trabalhar para comer.

A natureza, como que por ironia, dotou-a com mão liberal: fel-a formosa.

Aos dezasete annos viu-se requestada, perseguida; puzeram-lhe diante dos olhos, todas quantas miragens podem fascinar e seduzir uma rapariga pobre, abandonada e inexperiente.

Resistiu a tudo. Havia n'ella um instincto de honestidade, que era todo o seu thesouro. Não a intimidava a pobreza: o trabalho da sua agulha, dava-lhe para o pão de cada dia.

Quando encontrava na rua raparigas da sua idade, tendo já estampado nas faces cavadas e macilentas o estigma indelevel do vicio e da prostituição, tinha estremecimentos de horror, de envolta com impetos de commiseração. Vinham-lhe as lagrimas aos olhos. Quem sabe? Talvez fossem engeitadas como ella, filhas do amor e da desgraça, sem mão disvellada que as encaminhasse na senda do bem, e dizia comsigo mesma:

—Coitaditas! Terei eu a mesma sorte?

Ella bem sabia que a miseria é inimiga da virtude; no dia em que a fome bate á porta, poucas são as que teem a coragem de a receberem resignadas; as mais fracas, que o são quasi todas, succumbem na lucta e vendem o corpo para escaparem ás suas torturas.

Um dia, a humilde mansarda da costureira como que se illuminou de uma luz nova e radiante. É que no coração da misera rapariga acabava de despertar o sentimento dulcissimo e inebriante do amor.

Emilia amou, e esse amor nascente concentrou-se exclusivamente no homem que lh'o inspirára, tão certo é que as faculdades da alma circumscrevem em geral a sua esphera de actividade a um ponto unico, quando as rodeia o silencio e o isolamento.

A historia d'esse amor teve por epilogo, como tantas outras, a seducção e o abandono.

D'ahi, uma serie successiva de desgraças, que a levaram a sentar-se no banco dos réos, accusada de ter roubado alguns cortes de vestidos em casa da modista onde trabalhava.

Quando o juiz a interrogou, Emilia, cujas faces estavam ruborisadas pelo pejo, confessou, com lagrimas na voz, os olhos cravados no chão, o crime de que era accusada.

Instigada para que declarasse o motivo que a levava áquella acção condemnavel, respondeu febrilmente, como se a inspirasse um santo enthusiasmo:

—Eu estava para ser mãe e não queria engeitar o meu filho como fez aquella que me deu o ser, que não conheço, mas a quem perdoo porque foi talvez uma desgraçada como eu. Os meus mais ardentes desejos, a minha unica ambição, era a pôsse de um enxoval para o pobre innocente que ia entrar no mundo orphão já do pai que, depois de ter desgraçado e abandonado a mãe, renegava cynicamente o filho. Escaceiavam-me porem os meios, não podia fazer economias porque m'o não permitia o meu pequeno salario; dominava-me aquella idéa fixa, allucinou-me a vertigem, cedi á tentação que me perseguia implacavel, subtraí os vestidos, fui empenhal-os, e com esse dinheiro comprei panno para vestir a creança que trazia nas entranhas. Roubei, fui ladra, mas se as lagrimas do arrependimento podem redimir a culpa commettida, eu devo estar perdoada pelo muito que tenho chorado.

Esta confissão expontanea e sincera era a mais eloquente das defesas; no entanto, o jury, por um exaggerado escrupulo de consciencia, sem attender aos seis mezes de prisão que a misera rapariga soffrera já n'esse antro immundo e immoral que se chamma Aljube, deu o crime provado por maioria, e o juiz applicou a pena de mais dois mezes de prisão.

Hoje, aquella que podia ter-se regenerado, é talvez uma mulher perdida, e comtudo podia tel-a salvado esse immenso e profundo amor de mãe que a levou ao crime.

ALFREDO DE SARMENTO.

Á ULTIMA HORA

O *Barbeiro de Sevilha* agradou bastante. De FALCO optimo, entusiasticamente applaudido. CARBONELL e MOLA muito bem. D'OTTAVI favelavel. ROSSI (Rosina avó) um pouco *fané*, desafinando a miudo. A supressão da *cavatina* ser-lhe-hia favoravel á sua reputação artistica em decadencia.